



# Religar para que e para quem? Novas perspectivas nos estudos de religiosidade e dissidências sexuais e de gêneros - uma breve apresentação

*(Religare for what and for whom? New perspectives in studies on religiosity and sexual and gender dissidences - a brief presentation)*

*(¿Religare para qué y para quién? Nuevas perspectivas en los estudios de religiosidad y disidencias sexuales y de género: una breve presentación)*

Luciana Duccini<sup>1</sup>

Sidnei Barreto Nogueira<sup>2</sup>

Felipe Rocha<sup>3</sup>

Claudenilson Dias<sup>4</sup>

No momento que atravessamos, a mera junção de palavras como gênero e sexualidade com religião faz soar um alarme e isso não é surpreendente, uma vez que temos assistido a um constante ataque aos direitos sexuais, de gênero e reprodutivos por parte de certos grupos religiosos, como a Igreja Católica e algumas das maiores igrejas evangélicas do país. Fatos ainda recentes, tais como a oposição ferrenha, em 2011, dos parlamentares evangélicos ao *Caderno Escola sem Homofobia*, apelidado de "kit gay", e a escolha do deputado e pastor Marco Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, em 2013, de onde procurou avançar Projetos de Lei contrários aos direitos LGBTQIA+ (SALES; MARIANO, 2019, p. 17), lançaram as bases para este alarme. De 2013 até o presente, a situação parece ter apenas piorado, culminando na eleição de um presidente abertamente conservador, homofóbico e sexista.

<sup>1</sup>Departamento de Sociologia/Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<sup>2</sup>Professor Visitante Faculdade de Educação da Unicamp/Ilê Ará-SP.

<sup>3</sup> UFBA.

<sup>4</sup>PPGNEIM/UFBA.



Cabe assinalar, contudo, que o Brasil não se encontra só neste movimento, que alcança escala global na oposição à chamada "ideologia de gênero" (BARAJAS, 2018; SALES; MARIANO, 2019; BUTLER, 2019). O fantasma da ideologia de gênero parece ter emergido, em meados dos anos 1990, como uma reação da cúpula católica mundial a conquistas de direitos sexuais e reprodutivos (BARAJAS, 2019), com ativa participação do então cardeal Joseph Ratzinger que, alguns anos depois, já como Papa, expressaria sua preocupação com "o potencial do 'gênero' para destruir valores femininos importantes para a Igreja, assim como a distinção natural entre os dois sexos" (BUTLER, 2019, p. 223). Ao longo desse período, o simples termo "gênero" popularizou-se com tais conotações disruptivas, como algo que ameaça as famílias e os papéis (não apenas sexuais, mas também políticos e econômicos) atribuídos a homens e mulheres (únicas expressões de gênero reconhecidas por grupos cristãos conservadores) e, portanto, a própria criação de Deus. Butler (2019) destaca ainda que mesmo o Papa Francisco, considerado progressista por muitos, não reverteu esta posição.

Para Barajas (2018), Sales e Mariano (2019), o recrudescimento dos ataques de grupos religiosos (nos quais católicos e pentecostais se associam) aos direitos sexuais, reprodutivos e de minorias parece estar associado aos ganhos relativos alcançados por grupos ativistas LGBTQIA+ e feministas desde a década de 80 do século XX. Analisando o último trabalho de Saba Mahmood, Butler (2019, p. 229) reitera essa posição ao afirmar que "Ceder controle sobre questões envolvendo família, casamento e sexualidade é, para muitas autoridades religiosas na era secular, perder o único tipo de autoridade que ainda detêm." Desta forma, tais autoridades tenderiam a se insurgir a cada vez que um governo laico se aventura pela ampliação de direitos que afetam estes aspectos da vida.

Afirmamos que os ganhos são relativos, pois as conquistas logradas, ao menos no Brasil, não fazem frente às desigualdades e violências ainda vividas frequentemente. Se, por um lado, a Lei 13.104, de 2015, incluiu o feminicídio<sup>5</sup> no Código Penal, por outro lado, reportagem do jornal Folha de São Paulo (CUBAS; ZAREMBA; AMÂNCIO, 2019), de 09 de setembro de 2019, mostrava que, a cada quatro minutos, uma mulher era vítima de violência (física, psicológica ou sexual, entre outras), dado que não inclui os casos que levaram à morte da vítima. Se o casamento entre pessoas do "mesmo sexo" foi legalizado no país em 2013, bem como a

---

<sup>5</sup> Segundo a Lei 13.104, que alterou o Código Penal (ainda de 1940) inserindo o inciso VI no parágrafo 2º (que define os homicídios qualificados, aumentando suas penas) do artigo 121, o feminicídio consiste no homicídio "contra a mulher por razões da condição do sexo feminino", não se tratando de todo e qualquer assassinato de mulheres como, por exemplo, em decorrência de um roubo.



adoção de crianças por estes casais, por decisão do Supremo Tribunal Federal, esta legalização é deslegitimada por ainda depender de posição pessoal de juízes que podem se recusar a concretizar tais atos (BARAJAS, 2018, p. 90).

Todavia, não se pode imaginar que as complexas relações entre religião, gênero e sexualidade estejam sempre marcadas por signos negativos, tal como a invisibilização, a repressão e a subordinação. Como exemplo, podemos citar o estudos de Saba Mahmood (2006) de um movimento de mulheres islâmicas do Egito, com características pietistas e que poderia, muito facilmente, ser classificado como mera reprodução do papel subalterno da mulher, relegada à esfera doméstica. Contudo, Mahmood expõe como, ao ocupar o espaço de mesquitas para se ensinar mutuamente as escrituras, práticas sociais e comportamentos corporais considerados adequados, estas mulheres assumiram uma agência própria, ainda que não correspondente aos ideais ocidentais liberais de agência e colocavam-se em uma "situação de conflito com várias estruturas de autoridade", tanto religiosas como seculares (2006, p. 131).

De forma análoga, alguns dos artigos apresentados neste dossiê tratam das direções múltiplas e nem sempre coerentes das relações entre sexualidade, gênero e religião. Assim, podemos apontar que tem se construído uma nova perspectiva teórico-prática para pensar as religiosidades na interface dos estudos das dissidências sexuais e de gênero. Percebemos que, muito em breve, poderemos construir um complexo corpo crítico para as dimensões políticas, éticas, de enfrentamento às LGBTfobias no seio das principais perspectivas religiosas que compõem o Brasil contemporâneo. Foram ensaiadas nesse número críticas às formas patriarcais como são conduzidas as religiões afro brasileiras e nesse sentido temos desde o poder transgressor das Pombagiras nos ensinando como sermos enfáticas quando o poder fálico tentar se sobrepor às nossas experiências religiosas, de gênero e sexualidade até a construção crítica sobre as discriminações em torno das categorias gênero e sexualidade nos espaços sagrados cristãos, passando pelos apontamentos sobre as relações sociais e de gênero atravessadas pela religião.

Promover um diálogo entre a epistemóloga Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2017) e a as relações encontradas nas comunidades terreiro no que se refere à categoria gênero é o exercício de Almerison Passos, que aponta críticas importantes ao cisheteropatriarcado e ainda a outras opressões correlatas no campo das religiões de matrizes africanas. Em "*Quando uma categoria analítica entra no xirê: pensando gênero a partir do candomblé*", o psicólogo questiona a



suposta universalidade da categoria gênero, confrontando-a com os atravessamentos que podemos encontrar em um terreiro de Candomblé. Diante de outros princípios estruturantes – a senioridade e a posse pelas divindades e outras entidades – a face colonial das hierarquias ocidentais se revela com maior nitidez, destacando também a necessidade da interseccionalidade nas construções epistemológicas decoloniais sobre os diferenciais de poder. Neste movimento, o autor nos chama atenção para o fato primordial de que, nos candomblés, o corpo, e não o gênero, tem centralidade, o que acaba por revelar certa hegemonia analítica desta categoria.

Logo após veremos uma dobradinha entre Daniella Chagas Mesquita e Esmael Alves de Oliveira, no texto *“Feminilidades e transgressões em um corpo que gira: uma análise pós-estruturalista da produção científica acerca da pombagira”* que busca enaltecer a potência criativa das pombagiras e mostrar que elas são as “Rainhas do Cabaret” ao contrapor o lugar de supremacia de Exú enquanto o macho *trickster* bastidiano (BASTIDE, 2001, pg. 161) que detém todo o poder de comunicação e de conotação sexual. Uma das reivindicações desse texto é que as representações femininas não se deixem subjugar pelo poder falocentrado constituído pelos Exus da Umbanda.

Seguindo a lógica de reciprocidade das encruzilhadas, Thiffany Odara e wanderson flor nascimento apresentam um exercício filosófico em *“Gênero na encruzilhada: um olhar em torno do debate sobre vivências trans no candomblé”*, com o intuito de mobilizar a discussão sobre as transgeneridades nas religiões de matriz africana, tema ainda muito espinhoso para as Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) como aponta o estudos sobre as identities trans\* no Candomblé (DIAS, 2017).

O Babalorixá no Batuque, historiador e teólogo Hendrix Alessandro Anzorena Silveira, a partir de sua *“exunêutica”* (2020), nos brinda com uma análise sobre o ritual de dar comida à cabeça, o Bori, a partir da afroreferencialidade, para nos apresentar os interditos aos praticantes do Batuque e do Candomblé que passam pela ritualística em questão, no texto *“Tradições de matriz africana e sexo: reflexões afroteológicas”*. Um exercício afroteológico para pensar as dimensões afetivo-sexuais sem o tabu moralista propagado nas casas de Batuque e Candomblé de que a vida afetiva e sexual dos filhos das CTTros deve ficar para fora dos portões das casas de culto. Mas o corpo não é um só? Fomos levados a uma religiosidade extremamente cristianizada e culpabilizadora, ao fim e ao cabo, extrato da colonialidade que paira sobre as religiões tradicionais de matriz africana.



Para as religiões cristãs as problemáticas que se apresentam seguem da linha das LGBTfobias até os debates de gênero, sob uma perspectiva interseccional, passando ainda pelos enfrentamentos que as comunidades gays cristãs encontram nas suas bases religiosas, quer pela contraposição, quer pela busca de uma nova forma de reelaborar a fé em suas bases, afinal a negação do Outro como semelhante é um princípio basilar de negação da identidade daquele considerado “Outro”, como aborda o linguista e Babalorixá Sidnei Barreto Nogueira, em *Intolerância Religiosa* (2020) ou, ainda como o autor prefere se referir a esse fenômeno, como racismo religioso.

Abre esse bloco de textos a “*Perversão teológica: notas sobre a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid*”, de Ana Ester Pádua Freire, que nos traz as contribuições de Althaus-Reid e seus questionamentos de certas verdades cristãs que têm por efeito a continuidade de desigualdades já hegemônicas. A teóloga, que pode ser incluída no conjunto de uma *Teologia Queer*, ao apregoar a “libertação dos corpos” para que se pudesse alcançar a liberação social, apontava para a necessidade de se remover a “decência” da hermenêutica cristã de modo a se alcançar uma teologia capaz de abraçar as marcas biográficas de cada uma. Em seu artigo, a teóloga nos brinda com uma ótima síntese das propostas de Althaus-Reid, seu método de *indecentamiento* e sua concepção da Eucaristia. Neste movimento, a autora aproxima sua leitura da Teologia Indecente das questões que envolvem a heterocisnormatividade, mostrando como a teologia pode se envolver com a luta por liberdade, ao invés de amputá-la.

Os debates sobre a presença e atuação da comunidade LGBTQIA+ nas igrejas cristãs, por conseguinte, é um tabu moral e um entrave teológico, ainda que denominações e comunidades afirmativas e inclusivas de fronteira assumam (em tese) a construção de uma proposta teológica e eclesial pautada na inserção, inclusão e/ou não-discriminação baseadas em gênero e sexualidade. Assim, Luciano Santos Santana, no texto “*Cristianismo Gay: A Teologia Queer e seus reflexos na práxis da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador (COCIS)*” analisa o histórico pastoral de pessoas não-heterossexuais nos espaços cristãos com foco na investigação identitária denominacional desses sujeitos, usando como caminho teórico os panoramas da *Teologia Queer* e *Teologia Gay* em suas incursões hermenêuticas desconstrutivas dos textos sagrados como corporatura de materialização de espaços inter-eclesiais e pastorais de acolhimento no contexto soteropolitano como caminho de emancipação das pessoas LGBT’s da negação histórica de pertencimento a uma igreja cristã e das construções dogmático-agostinianas e subjetivas do pecado e da heresia.



Na mesma linha de pensamento, nesse bloco ainda temos a tríade formada por Silas Veloso de Paula Silva, Júlia Alves de Almeida, Priscylla Karollyne Gomes Dias, com o texto “*Muito além do Arco-íris: homossexualidade(s) e diversidade sexual em práticas discursivas em torno de uma Igreja Inclusiva da cidade do Recife-PE*” que evidencia que os embates em torno das questões sexuais e de gênero irradiam no Recife e em todas as outras capitais onde as igrejas inclusivas chegaram.

Há ainda nas religiões cristãs, de modo geral, um apelo muito forte às questões biológicas para defender o discurso da superioridade da família, da moral e dos bons costumes (brasão aliás defendido pelo governo em curso e suas interfaces neofascistas, lgbtfóbicas, machistas e racistas). Assim, nos “*Entrelaçamentos entre religião e diversidade sexual e de gênero: análise do discurso de cristãs/ãos brasileiras/os*”, de Anderson Moraes Pires, centra-se na análise dos discursos de pessoas próximas da cisheteronorma em espaços de sociabilidade religiosa cristã, lócus de disseminação da estrutura biopolítica de docilização dos corpos e regulação das experiências dissidentes, assumindo como característica de exame uma etnografia da mídia ao encontrar-se com as narrativas de sujeitos cristãos/as leigos e ordenados no ambiente virtual e plataformas digitais que modelam o elóquio teológico em torno do arcabouço doutrinário moral e suas relações com a teologia pública e política como estratégia de condicionamento.

Além dos eixos basilares para esse dossiê, ele conta ainda com as importantes contribuições de Sarah Nascimento de Jesus, com “*A percepção das mulheres negras neopentecostais sobre os papéis sociais de gênero em suas relações familiares*”, que sob a ótica interseccional dos feminismos negros, orienta-nos a perceber uma crítica contundente às ciências da religião, que ainda perpetuam o androcentrismo colonial, muito embora as mulheres tenham se lançado a postos hierárquicos importantes nas igrejas. O foco dessa percepção construtiva centra-se nos entraves entre a legitimidade da autoridade clerical das mulheres negras, os papéis sociais de raça, gênero e classe e a complexidade das macro e microestruturas da eclesiologia neopentecostal brasileira que incidem sobre o ministério dessas mulheres. Desse modo, para a autora é imprescindível “a promoção de diálogos e reflexões que discorram sobre a percepção das mulheres negras neopentecostais” a fim de contrapor o “neocolonialismo cristão”, hegemonicamente masculino.

Por fim, e não menos importante, em “*A mão que afaga é a mesma que apedreja*” - *análise discursiva sobre amor materno, religião e sexualidade*”, Leila Silvana Pontes, nos



mostraa percepção do perfil de violências perpetradas contra filhos LGBT's por suas mães cristãs, problemática muito recorrente em famílias brasileiras que tem como cerne de orientação religiosa, o cristianismo. Para isso a autora nos rememora o episódio de Eyshila e os percalços de ter um filho gay e *drag queen*, sendo ela uma cantora gospel de grande expressão no seio de sua religião.

O dossiê se encerra com uma entrevista e duas traduções. A entrevista foi realizada por Ndumbi C. com Tata Aldany diá Lembá, *tata de nkisi* de nação angola, dirigente do terreiro Nzo Lembaringanga ni Hongolo, no interior de São Paulo. A transcrição versa sobre as complexas relações entre sexo, gênero e sexualidade com os princípios próprios do Candomblé, como ancestralidade e hierarquia. Esta entrevista merece atenção especial, sobretudo, por ser mais uma voz aliada às transidentidades nas nossas comunidades terreiro. Em sequência temos o texto *O Tempo da Escravidão*, de Saidiya Hartman, traduzido por Kênia Freitas *et al*, no qual a autora elabora questões sobre diáspora e luto a partir de sua visita ao Castelo da Costa do Cabo e ao Castelo de Elmina, em Gana, e à Casa dos Escravos, na Ilha de Gorée, no Senegal. Em suas reflexões, Hartman aponta possibilidades e impossibilidades de religação com África a partir das experiências diaspórica nas Américas. Por fim, apresentamos a tradução de um texto clássico para os estudos das religiões orientais, que torna acessível ao público leitor de português, um prefácio do escritor japonês Yukio Mishima para a publicação, em seu país, da tradução de dois romances de Georges Bataille, *Madame Edwarda* e *Minha Mãe*. traduzido para o português por Renan Kenji Sales Hayashi, o prefácio foi redigido em 1970 e revela o impacto da transgressão operada por Bataille que, nos textos mencionados, faz brotar a presença divina do erotismo erigido a partir do repulsivo.

Para finalizar, o texto “Homossexualidade e direitos sexuais em África: percepções e discursos de africanos residentes no Brasil”, de Ercilio Neves Brandão Langa, retrata uma discussão sobre a homossexualidade em África como preâmbulo para pensar sobre as perspectivas de gênero e sexualidade nas religiões de matriz africana, uma vez que as experiências das dissidências sexuais e de gênero em África passam pela relação direta com as formas religiosas coloniais, sobretudo de expressão cristã.

Convidamos vocês à leitura desse número com o carinho que merecem esses textos que tem muito a contribuir para melhor entendermos as identidades sexuais e de gênero nos espaços



religiosos até então alijados de humanidades dissidentes, em razão das religiões estarem alicerçadas em parâmetros de uma sociedade secular e colonialista.

Boa leitura, Axé “OhGlória” Amém!

---

### Referências

BARAJAS, Karina Bárcenas. Pánico moral y de género en México y Brasil: rituales jurídicos y sociales de la política evangélica para deshabilitar los principios de un estado laico. *Religião e Sociedade*, v. 38, n. 2, p. 85-118, Mai/Ago, 2019

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras. 2001

BUTLER, Judith. Ideologia antigênero e a crítica da era secular de Saba Mahmood. *Debates do NER*, Ano 19, n. 36, p. 219-235, Ago/Dez, 2019

CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMÂNCIO, Thiago. Brasil registra 1 caso de agressão à mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. *Folha de São Paulo*, 9 set 2019, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>

DIAS, Claudenilson. Identidades trans\* e vivências em candomblés de Salvador: entre aceitações e rejeições. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). 137 f. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28601>

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. X, n. 1, p. 121-158, 2006

OYEWÛMI, Oyèronké. La invención da las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Tradução de Alejandro Montelongo Gonzáles. Bogotá: Editorial En la frontera. 2017

SALES, Lilian; MARIANO, Ricardo. Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. *Religião e Sociedade*, v. 39, n. 2, p. 09-27, Mai/Ago, 2019

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. Afroteologia: construindo uma teologia das tradições de matriz africana. 2019. 282 f. II. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

